

REVISTA
lambe-lambe

n.º 3 | 2016

DRAMATURGIA

Cia Andante Produções Artísticas

Jô Fornari e Laércio Amaral
Organizadores

REVISTA LAMBE-LAMBE

Dramaturgia
3ª Edição

Cia Andante Produções Artísticas

Canelinha/SC – Brasil
2016

EXPEDIENTE

Lambe-lambe - Revista de teatro da Cia Andante – nº 03

Produção: *Cia Andante Produções Artísticas*

Organizadores: *Jô Fornari e Laércio Amaral*

Revisão Gramatical: *Gisele Katopodis*

Designer Gráfico: *Robson Oliveira*

Ilustração da capa, contracapa, pg 05, 06, 08, 11 e 46: *Humberto Soares*

Ilustração pg 20: *Pedro Dias*

Ilustração pg 44 e 45: *Rosana Lopez*

Fotos: *divulgação dos grupos*

Impressão: *Impressora Mayer*

Agradecimentos: *Laura Osório, Humberto Soares, Gisele Katopodis e à todos os pesquisadores e criadores do teatro lambe-lambe.*

A Revista Lambe-lambe é uma publicação independente. Todas as opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Esta publicação integra as atividades do projeto “10 anos de andanças”, que comemora o décimo aniversário da Cia Andante e foi patrocinado pelo Edital Elisabete Anderle de estímulo à cultura 2014.

Cia Andante Produções Artísticas

Rua Urussanga, 2400 - Bairro Índia

Canelinha – SC – Brasil

Fone: (47) 9988 9993 – (47) 9611 2948

ciandante@gmail.com

www.cia-andante.com.br

www.facebook.com/andantebrasil

ISBN: 978-85-92972-00-4

Tiragem: 1000 exemplares Agosto de 2016

SUMÁRIO

A DANÇA DO PARTO I	<i>Ismine Lima</i>	8
A DANÇA DO PARTO II	<i>Denise di Santos</i>	11
O OBJETO NO TEATRO LAMBE-LAMBE : POR UMA DRAMATURGIA DAS HUMANIDADES	<i>Jô Fornari</i>	13
DRAMATURGIA QUÂNTICA	<i>Laércio Amaral</i>	17
TEATRO LAMBE-LAMBE , UMA LIÇÃO DE DRAMATURGIA	<i>Pedro Dias</i>	20
MISTÉRIOS DE ELÊUSIS: TRILOGIA EM TEATRO LAMBE-LAMBE	<i>Sandra Coelho e Leandro de Maman</i>	23
QUANDO O INESPERADO GERA ALGO SURPREENDENTE OU QUANDO ME TORNEI UMA FUMANTE PASSIVA	<i>Suzi Daiane</i>	26
A ESCOLHA PELA DRAMATURGIA DO INVISÍVEL	<i>Rafaela Catarina Kinas</i>	28
DRAMATURGIA DIMINUTA. UMA EXPERIÊNCIA DESLUMBRANTE	<i>Priscila Gilinski Machado</i>	30
HABITAR UMA CAIXA	<i>Tiago Almeida</i>	32
APONTAMENTOS PARA UMA POSSÍVEL DRAMATURGIA PARA O TEATRO EM MINIATURA	<i>Heyder Moura</i>	38
DRAMATURGIA EN LAMBE LAMBE	<i>Valeria Correa</i>	40
UNA CANCIÓN CANTADA AL OIDO	<i>Rosana Lopez</i>	44

EDITORIAL



Os holofotes desta terceira edição da Revista Lambe-lambe foram colocados em pino sobre a “dramaturgia diminuta”, a personagem central desta publicação.

Como toda manifestação artística, o Teatro Lambe-lambe também vive a se repensar, se redescobrir, se reinventar.

À primeira vista, a elaboração de um espetáculo em miniatura pode se apresentar relativamente simples e fácil. Mas só à primeira vista.

A construção da caixa, sua adequação para a manipulação, o aparato técnico de som, luz, cenografia e formas a serem manipuladas vão mostrando, à medida em que se avança na construção do espetáculo, o quão equivocado pode ser aquele primeiro olhar.

O simples é complexo. E não necessariamente fácil.

A vontade, o impulso, o desejo que inspiram a montagem de um espetáculo de Teatro Lambe-

lambe vão enfrentar estes desafios durante seu processo. Ultimamente, no contato com outros artistas caixeiros, temos nos questionado e refletido sobre as diversas formas de apresentarmos a ação cênica dentro de uma caixa de Lambe-lambe e temos esbarrado na questão da dramaturgia para os miniespetáculos.

Desta forma, sentimos ser o momento de levantarmos reflexões, provocações e inspirações sobre o tema da dramaturgia – aspecto fundamental do jogo teatral – como um amadurecimento natural e necessário dentro da trajetória do Teatro Lambe-lambe.

A Cia Andante chamou e os artistas caixeiros prontamente responderam enviando seus textos onde compartilham seus olhares e experiências sobre o tema em foco. Esperamos que esta minicontribuição seja valiosa para a contínua pesquisa do Teatro Lambe-lambe e inspiradora para o descortinamento de novas poéticas.

A Dança do Parto foi a primeira montagem de espetáculo de Teatro Lambe-lambe, criado por Ismine Lima e Denise di Santos.

Ambas montaram um único espetáculo, onde as duas intercalavam a manipulação, originando também duas possibilidades dramáticas distintas, dois argumentos internos onde cada atriz manipuladora se apropriava e explorava no seu momento de apresentação.

Neste caso, o roteiro tornou-se a base para o olhar poético pessoal, de ambas as manipuladoras, sobre a mesma cena.

A seguir, os dois roteiros de “A dança do parto”.

A DANÇA DO PARTO I

Ismine Lima – Salvador /BA



Concepção: *Ismine Lima com a inspiração da boneca de Denise di Santos*

Tempo de duração: 2m 18s

Estrutura dramatúrgica do Lambe-Lambe:

Uma caixa escura assemelhada aos que os fotógrafos lambe-lambes usam para fotografar, especialmente confeccionada para o espetáculo.

A caixa por dentro é forrada, paredes e pisos, com veludo preto.

Um orifício na parte de cima por onde entra a luz, do sol se for durante o dia, lanterna se for à noite.

Duas aberturas nas laterais com panos que funcionam como um túnel, articulado com o pano que cobre a cabeça do manipulador.

A mão do manipulador do boneco entra pelas aberturas. O animador usa roupa preta, máscara nos olhos para não ser visto em cena, além de luva branca na mão esquerda. A luva branca só deve ser vista em cena.

A frente da caixa-teatro é também coberta por um pano que deve ser levantada para que cada expectador, individualmente, possa mirar o espetáculo.

Peça:

Personagens: *Uma boneca de espuma de mais ou menos 10 cm, grávida, pernas compridas, peitos avantajados e uma mão branca (do manipulador).*

ATO I

Toque do sino três vezes: O expectador é convidado a mirar (levanta o pano e olha pela abertura).

Cena 1

Espaço escuro.

Cena 2

Luz em todo o espaço.

Cena 3

Luz na abertura de onde vêm ruídos e gemidos (5 respirações abdominais crescentes do 1 ao 5).

Cena 4

Na quinta respiração surge em cena uma boca ofegante e, em seguida, o dorso.

Cena 5

Salta todo o corpo e sobe e se põe em pé, abre as pernas e num grito de loba cai como se fosse uma bailarina em toda sua abertura de espacate.

Cena 6

Gemendo, se põe de cócoras como se fosse uma lavadeira da Lagoa do Abaeté.

Cena 7

Em seguida, ainda gemendo, fica sentada estirando as pernas como se fosse segurar os dedos dos pés.

Cena 8

Gritando como uma loba, sobe na postura de ponte, formando um viaduto e cai como se fosse um sapo fêmea.

Cena 9

Sentada com as pernas estiradas, geme e se contorce como se fosse tão só uma mulher precisando de ajuda.

ATO II

Cena 1

Com gemidos de cachorro nadando, arfando, se contorce como se fosse um caranguejo.

Cena 2

Uma mão branca entra à direita e com dois dedos ajuda uma cabeça que está saindo do corpo da boneca. Segura, levanta e o choro de um bebê salta no espaço.

Cena 3

A mão branca entrega o filho à mãe.

Cena 4

A mãe leva o filho ao peito e ele mama.

Fim



A DANÇA DO PARTO II

Denise di Santos - Salvador/BA

Criação: Denise di Santos

Direção: Gil Teixeira

Personagens:

Mulher (boneca Sabina, 10 cm de altura)

Mão (manipuladora)

Bebê (elemento da criação)

Público:

um único espectador na plateia

Iluminação

abertura para luz natural

Cenário

sala do primeiro espetáculo do Teatro Lambe.lambe.

- Um quarto à meia-luz;
- Um cheiro de gente;
- Um mistério no ar.

A cena:

Mulher – ofegante, contorce-se de dor e prazer, contrai-se, geme, inclina-se sobre o tronco, põe a mão na barriga, abre a boca numa expressiva demonstração de sofrimento.

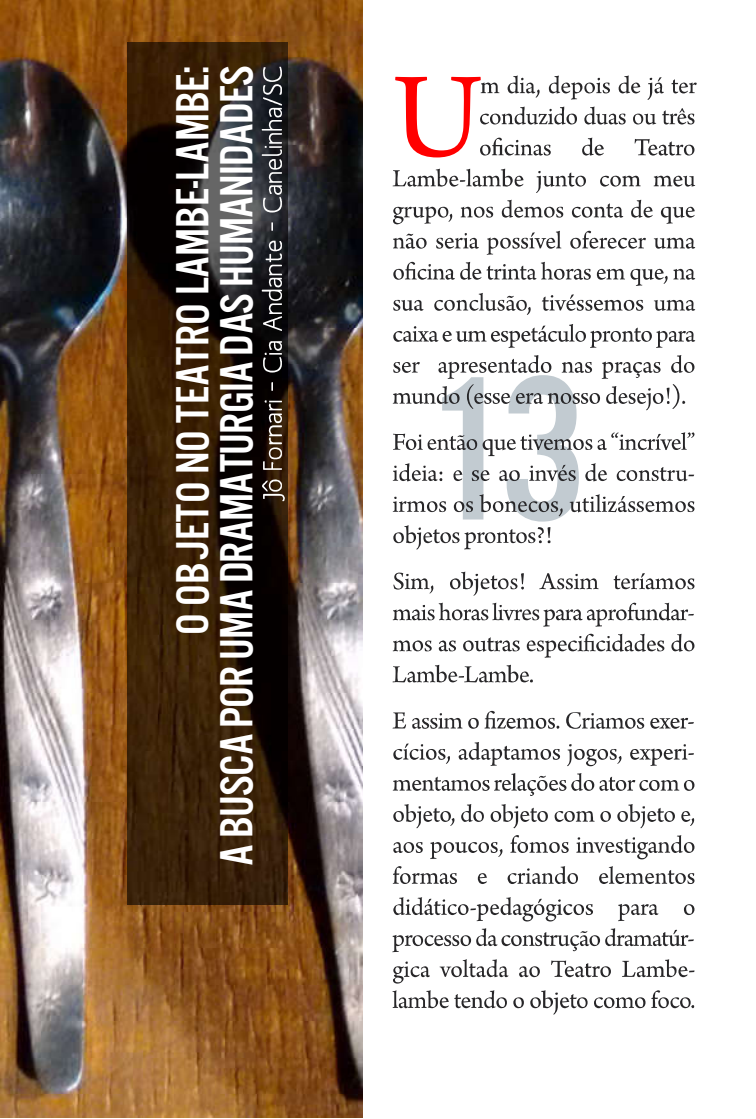
Mão – manipula por entre as Vergonhas da Mulher tentando retirar algo, comprime o abdômen.

Mulher – gritos e gemidos intensificam a aflição do trio Manipulada, Manipuladora e Espectador.

Finalmente o Rebento é libertado do casulo seguro e confortável.

Reino do Ventre: é a explosão da Vida! É a Concepção sendo concebida na metáfora mágica da Pequena Sala de Partos do Teatro da Caixa Preta.

Mulher – acolhe sua cria como se acolhesse a si própria. Coloca-o no peito e com um gesto solidário olha para o espectador e embala seu Rebento. As luzes vão se apagando e em plena escuridão um convite ao fim do Primeiro Ato da Vida do Teatro Lambe-lambe.

The background of the page features two silver spoons lying on a wooden surface. The spoons are positioned vertically, one on the left and one on the right, with their handles pointing towards the bottom. The wooden surface has a warm, natural grain. A dark, semi-transparent rectangular box is centered over the spoons, containing white text.

O OBJETO NO TEATRO LAMBE-LAMBE: A BUSCA POR UMA DRAMATURGIA DAS HUMANIDADES

Jô Fornari - Cia Andante - Canelinha/SC

Um dia, depois de já ter conduzido duas ou três oficinas de Teatro Lambe-lambe junto com meu grupo, nos demos conta de que não seria possível oferecer uma oficina de trinta horas em que, na sua conclusão, tivéssemos uma caixa e um espetáculo pronto para ser apresentado nas praças do mundo (esse era nosso desejo!).

Foi então que tivemos a “incrível” ideia: e se ao invés de construirmos os bonecos, utilizássemos objetos prontos?!

Sim, objetos! Assim teríamos mais horas livres para aprofundarmos as outras especificidades do Lambe-Lambe.

E assim o fizemos. Criamos exercícios, adaptamos jogos, experimentamos relações do ator com o objeto, do objeto com o objeto e, aos poucos, fomos investigando formas e criando elementos didático-pedagógicos para o processo da construção dramatúrgica voltada ao Teatro Lambe-lambe tendo o objeto como foco.

Ali começávamos a tatear um território desconhecido.

Se por um lado a ideia da substituição nos pareceu resolver a questão do tempo e da energia direcionados à construção de um ou dois bonecos – o que de fato solucionou esta problemática – por outro lado nos trouxe novo desafio: como inserir de forma expressiva e poética os objetos (utilitários, miniaturas, adornos) numa dramaturgia extremamente curta?

Na busca de entender essa lógica e este novo lugar de possibilidades, por vezes acertamos e em outras tantas testamos, erramos, duvidamos e principalmente começamos uma busca pelo aprofundamento na linguagem do Teatro de Objetos.

Nesse caminho encontramos Sandra Vargas do Grupo Sobrevento, a “maga” do Teatro de Objetos no Brasil e com ela fomos adentrando nesta linguagem.

No dia em que a conheci, contei meio sem graça, da aventura in-

consequente de propor construção dramática com objetos nas oficinas de Teatro Lambe-lambe, apenas de forma intuitiva, sem conhecer de fato as lógicas e especificidades da linguagem. E ela generosa e sabiamente falou algo assim: “Sim, é preciso às vezes, ser inconsequente. É preciso experimentar e ousar, esse é o modo de se encontrar tesouros”.

Sandra nos apresentou um tesouro, uma especificidade do Teatro de Objetos que de imediato encontramos afinidade com o que buscávamos em nossos trabalhos e propúnhamos em nossas oficinas: construir uma dramaturgia a partir de uma verdade profunda, algo muito pessoal, que fale de humanidades. Trazendo à tona segredos, confissões, revelações, características que também são a essência do Teatro Lambe-Lambe.

Trabalhar com objetos prontos (ready-mades), possibilita a criação de narrativas que surgem através das infinitas associações de

ideias que o objeto suscita a partir de sua forma, função, movimento e simbolismo. No surgir das metáforas, brota um campo fértil para a poética da cena.

Em nosso caso específico, buscamos estimular a criação de uma dramaturgia que privilegia a escolha pela história que se quer contar a partir de um viés pessoal, autoral: encontrar uma história que seja de fato importante, urgente, para o lambe-lambeiro. Neste sentido, a linguagem do Teatro de Objetos oferece um panorama bastante rico, pois a partir da relação do ator com objetos remanescentes de suas memórias, revelam-se histórias carregadas de sentimentos e sensações potentes o suficiente para a criação de cenas por vezes bastante intensas. Por isso é comum surgirem histórias da infância, com pais, avós, tios, histórias de saudades, de perdas, de aventuras, amores; histórias que, invariavelmente, tocam a todos.

Essa linguagem retira o caráter artesanal da construção do

boneco, porém oferece uma arte-sania na construção da narrativa e na elaboração de novas poéticas, que proporciona um brincar muito poderoso com signos, símbolos e metáforas.

No nosso caso, neste momento, nos interessa menos ver a história de “Chapeuzinho Vermelho” dentro de uma caixa, e interessa mais um fragmento de uma história pessoal, um segredo compartilhado, onde podemos ver (e nos vermos) a partir da fragilidade humana, escondida, revelada; o ridículo, o sensível, a delicadeza, a superação, temas pessoais, íntimos e secretos. Algo que é maravilhoso quando contado ao pé do ouvido, ou ao pé de uma caixa de Teatro Lambe-lambe. Histórias que nos tocam pelo seu aspecto humano, mesmo que aparentemente pareça contraditório: tocar no humano, esse lugar das emoções, do subjetivo, a partir do objeto, algo tão concreto, tão matéria. Mas de que é feito o teatro, se não

também das contradições?!

Sem tirar os méritos das outras formas de processos e construções dramatúrgicas, pois todas tem seu valor, reitero que, neste momento de nossas vidas artísticas, de nossas pesquisas e inquietações, este é o lugar que nos acelera o coração.

E assim, temos tido gratas experiências em nossas oficinas com o descortinamento de memórias e afetos. Então rimos e choramos com as histórias contadas, revividas, rememoradas e trabalhadas (interna e externamente) por aqueles que, corajosos, buscam mais que uma vivência de aprendizado técnico, mas sim, uma experiência sensível e profundamente humana.



DRAMATURGIA QUÂNTICA

Laercio Amaral- Cia Andante - Canelinha/SC

Os cientistas da Física de Partículas nos assombram com as descrições dos fantásticos eventos que ocorrem no seu microuniverso de pesquisa. A movimentação e as características (fugidias) de partículas subatômicas como quarks e glúons estão tornando inúteis nossos conceitos sobre tempo e espaço.

Ao mesmo tempo, como frisa o físico Michio Kaku na obra “Hiperespaço”, a possibilidade das múltiplas dimensões que o incrivelmente pequeno nos aponta, pode ser a chave para a descoberta da “fonte suprema da beleza e da simplicidade da natureza”.

Creio que os artistas que pesquisam e desenvolvem espetáculos dentro do minúsculo universo do Teatro Lambe-Lambe também se espantam – e se apaixonam – pela generosa e complexa poética que surge da simplicidade deste vasto laboratório cênico.

Tendo a síntese como fator matemático primeiro na busca dramática, os artistas-pesquisadores que se empenham em desvendar os pequenos mistérios desta manifestação teatral, são colocados diante de uma problemática fundamental: como criar e desenvolver uma dramaturgia que, embora incrivelmente sintética, seja suficientemente potente para que, em “três minutos”, exerça sobre o público/espectador único, o efeito devastador de uma explosão-atômica-poética-em-miniatura?

Para contribuir com o avanço das pesquisas e a descoberta de novas equações dramáticas, apresentaremos algumas hipóteses e também fórmulas previamente testadas:

– A dramaturgia não precisa, necessariamente, ficar circunscrita à cena que acontece dentro da caixa. Ela pode englobar tudo o que acontece cenicamente antes do espectador “entrar na caixa”.

– É possível, também, o diálogo

dramático com mais caixas do mesmo grupo teatral, inclusive como continuidade e/ou complementação entre os espetáculos, ampliando a ação dos caixeiros enquanto performance.

– A síntese que se busca para a cena que acontece dentro da caixa pode ter semelhanças estruturais com o poema Hai Kai, que via de regra, segue um modelo de três passos: “exposição do quadro; interferência aparentemente distinta ou aleatória; fechamento ou conclusão inabitual”.

– É possível também surgir espontaneamente uma dramaturgia (a costura completa de um espetáculo para lambe-lambe):

- *pelo manuseio e experimentação de diferentes materiais;*

- *pela confecção de formas que serão animadas, bonecos ou estruturas;*

- *pela própria construção de uma caixa com mecanismos e “traquitanas” que vão se somando à medida que se avança no processo;*

*- e também através do brincar
com objetos que se conectem às
memórias afetivas do ator-
experimentador.*

Como podemos inferir, a dramaturgia quântica do Teatro Lambe-Lambe – à semelhança da Física de Partículas –, apresenta uma vastidão, quicá infinita de possibilidades, tanto estruturais quanto poéticas, na constituição de grandiosos espetáculos. Muitíssimo pequenos.

Bibliografia

KAKU, Michio. Hiperespaço. Rocco. 2000.





TEATRO LAMBE LAMBE, UMA LIÇÃO DE DRAMATURGIA...

Pedro Dias- Grupo Pois é... Então Tál - Blumenau/SC

Tenho visto muito de Teatro Miniatura nesses meus 20 anos de Teatro Lambe-lambe e, pessoalmente, posso assegurar que essa genial e contemporânea modalidade de teatro de bonecos é uma lição, uma aula, uma pós-graduação em teatro.

Numa caixa preta, temos: a dramaturgia, o cenário, a iluminação, a interpretação da cena, tudo criado na estética de cada mestre caixeiro. Construir minha primeira caixa foi como minha pós-graduação de um importante curso de teatro no NuTE- Núcleo de Teatro Escola, aqui em Blumenau.

Nostalgias à parte, vamos refletir sobre o conceito de Dramaturgia, área que sempre me motivou a pesquisar e, principalmente, exercitar. Busco sempre fazer peças com dramaturgia própria, nunca negando as influências que a vida me presenteia...

Afinal de contas como surge essa tal de dramaturgia?

A literatura a respeito nos ensina que a dramaturgia é a criação de um texto com a finalidade de encenação, onde o dramaturgo concebe os diálogos e/ou ações dos personagens. É sabido que só é possível uma encenação teatral, ou seja, o teatro só acontece quando existe uma ação do ator e uma reação do público ou espectador. A peça escrita ou texto só é dramática quando encenada ao vivo ou gravada e apresentada aos espectadores.

No Brasil temos evoluído muito rapidamente na dramaturgia, temos ótimos dramaturgos, até poderia citar alguns, mas não quero cair no erro de esquecer alguém muito querido. Acredito que precisamos muito de publicações de obras dramáticas, principalmente para motivar esses criadores a produzir para o nosso teatro. É necessário publicar quem faz dramaturgia, senão ficamos sem saber a real situação da dramaturgia brasileira. Sem publicações não existe troca entre o encenador e o dramaturgo, desmotivando quem escreve e privando

o público de assistir bons trabalhos cênicos.

Devo boa parte desse interesse na dramaturgia ao Teatro Lambelambe. Tenho visto excelentes micropeças, mas também observado que o desconhecer de teatro em algumas poucas peças é notório, elas não contextualizam dentro do que chamo de estrutura dramática. Nesse caso, o espectador tem uma visão diferente da sugerida pelo dramaturgo. Quando a ação sugerida pelo dramaturgo e representada pelo ator gera uma interpretação aleatória do espectador, então estamos fugindo do propósito do dramaturgo que é provocar um certo sentimento no público, mesmo que o mais insignificante.

Na minha visão, a reação do público deve ser o propósito da dramaturgia e a essência do teatro.

Para dar um exemplo do que quero dizer, cito a micropeça lambelambe de Marie, bonequeira de Salvador. Seu espetáculo sugere exatamente o que acredito ser uma dramaturgia simples e forte. A

forma como Marie utiliza os elementos cênicos, os sentidos de olfato e audição sincronizados com as ações remetem ao que o dramaturgo propõe ao espectador.

A dramaturgia tem seus mistérios, é arte, mas com certeza o conhecimento de teatro, seus estudos e a empatia com o público, torna o processo de criação mais aguçado. No caso da Marie e de tantos outros caixeiros, percebemos que há um estudo de teatro, uma pesquisa sobre o assunto anterior à criação da peça. Esse processo pode até acontecer espontaneamente, mas é muito raro. Acredito que o estudo da estrutura teatral é fundamental para uma boa dramaturgia, dentro da estética de cada artista.

O Teatro Lambe-Lambe tem provocado um grande número de artistas a penetrar no mundo da dramaturgia, fomentando novas e incríveis concepções teatrais no universo das caixas pretas, isso é mágico...

O Teatro Lambe-Lambe é uma lição de dramaturgia porque é completo.



MISTÉRIOS DE ELÊUSIS TRILOGIA EM TEATRO LAMBE-LAMBE

Sandra Coelho e Leandro Maman - Eranos Círculo de Arte - Itajaí/SC

O Eranos Círculo de Arte, possui como característica dos seus trabalhos explorar os limites da linguagem em que desenvolve arte. Tradicionalmente, o Teatro Lambe-lambe é composto por uma cena curta de teatro de animação em miniatura, de cerca de 2 minutos, em que cada expectador assiste por vez. Em Mistérios de Elêusis propomos como diferencial dramático, ao invés de uma história por caixa, uma história contada em três momentos em caixas independentes, formando uma trilogia.

Temos como narrativa os Mistérios de Elêusis, que na Grécia antiga eram rituais que celebravam as deusas Deméter e Perséfone, mãe e filha, que respectivamente estavam ligadas à terra, ao mundo hermético das almas e aos ciclos da natureza: nascimento, crescimento e morte. Conta o mito que Deméter e Perséfone tinham uma profunda ligação até que a filha foi raptada por Hades, deus do mundo dos mortos. Deméter, em

profunda tristeza, dirige sua raiva aos homens e castiga a terra com infertilidade. Perséfone come das mãos de Hades sementes de Romã, e é aprisionada para sempre, porém, por intercedência de outros deuses consegue ficar um período do ano com Hades (no submundo) e outra metade com Deméter. Desse movimento de subida e descida surgem as estações do ano. O mito possui diversos desdobramentos, então priorizamos os principais personagens em momentos decisivos da história, narrando de forma imagética e simbólica eventos que definem a trama e a construção destes personagens. O Rapto, Hades e Perséfone são os três capítulos da história que contamos na trilogia, desde a relação simbiótica de Deméter e Perséfone, o rapto inesperado, a vida com e no Hades e quando Perséfone se apropria de sua vida dupla entre luz e trevas.

Esta escolha estética em formato de trilogia nos levou a uma questão fundamental quanto ao modo de leitura do espetáculo: se

as caixas deveriam ser assistidas necessariamente na ordem que se apresentam, ou se a plateia teria a possibilidade de escolher qual caixa assistir. Ou então se as senhas são distribuídas para assistir a trilogia como um todo ou cada caixa individualmente. Diferentemente de uma trilogia de teatro tradicional em que um número X de plateia adquire ingressos e assiste o espetáculo, na experiência do teatro Lambelambe, a plateia pode ter que esperar tempo e enfrentar filas de vários minutos para assistir ao espetáculo. Optamos por distribuir senhas para que a plateia assista a trilogia por inteiro, estando apta a mirar a segunda caixa, somente quem já assistiu a primeira, e consequentemente a última caixa quem viu as duas anteriores. Entendemos que desta maneira a experiência da obra fica mais completa e o espectador desenvolve a narrativa capítulo a capítulo, com um curto intervalo entre uma caixa e outra, como no cinema, em que aguarda o lançamento do próximo capítulo para

dar continuidade à compreensão da obra.

Isto acarreta uma relação de tempo maior entre espetáculo e plateia, que acaba estendendo-se cerca de 10 minutos na experiência como um todo. A relação de curiosidade, umas das características básicas da linguagem do Teatro Lambe-lambe se mantém, mas desta vez com o mistério de como vai continuar a história que acaba de ser vista na primeira caixa, e assim até o final da trilogia. Em nossa experiência de apresentações, o espectadores sempre mantém os interesse em assistir todas as caixas e completar a narrativa proposta pelo espetáculo.

A dramaturgia do espetáculo se desenrola de maneira visual e sonora, sem uso de textos, e utilizando como técnica a relação entre projeção digital e bonecos de vara. Somos pioneiros no uso de projeção digital em Teatro Lambe-lambe, sendo uma das pesquisas desenvolvidas pelo grupo.

A luz da projeção coopera para a

proposta de um teatro visual, e aproxima as caixinhas da linguagem do cinema, porém o manuseio dos bonecos ocorrendo ao vivo.

Em Mistérios de Elêusis as personagens principais são bonecos manejados ao vivo, em constante relação com a ambientação e personagens secundários produzidos por projeção digital.

A história só existe através da união orgânica de ação e reação entre bonecos e projeção, de modo que se assistirmos a projeção em separado ou somente os bonecos, a narrativa deixa de existir.

Numa época remota, os Mistérios de Elêusis eram revelados apenas aos “iniciados” que aventuravam-se numa jornada pessoal na cidade de Elêusis na Grécia antiga. Através do Teatro Lambe-lambe estes mistérios continuam a ser revelados - ainda em segredo - mas agora em três caixas misteriosas itinerantes, que se revelam uma a uma e intimamente aos novos adeptos.

QUANDO O INESPERADO GERA ALGO SURPREENDENTE OU QUANDO ME TORNEI UMA FUMANTE PASSIVA

Suzi Daiane - Cia Av. Lamparina - Jaraguá do Sul /SC

Algumas caixas de Teatro Lambe-lambe parecem ter sido planejadas para que o espectador possa enfiar praticamente sua cabeça inteira na caixa. Uma dessas caixas acabou caindo em minhas mãos. Culpa minha, só minha, que quis deixar o público enfiar boca, nariz e olhos, tudo de uma só vez lá dentro.

E o que pode ter sido uma péssima escolha, acabou por refletir em uma potência dramática muito interessante. Atuo no espetáculo Banheiro e, por um buraco de fechadura, o espectador pode assistir ao espetáculo. Certa vez, apresentei em uma praça e o meu estimado espectador, um fumante daqueles muito fervorosos, deleitou-se com o espetáculo. Quando ele enfiou seus olhinhos e bocas esbugalhados na caixa, de imediato senti um aroma diferente no ar. Não fumo e era impossível não sentir o cheiro que estava emanando na caixa.

Ao final, a caixa inteira cheirava a cigarro. Finalizei a apresentação,

agradei e dei sequência. Apresentei mais uma, duas, três vezes e o cheiro não saía. Então pensando nos próximos públicos e no meu nariz de fumante passivo, optei por dar uma corrida na loja ao lado para comprar um desses aromatizadores de ambiente, vulgo “Bom ar”. Taquei o negócio lá dentro e o meu Banheiro que antes era só um Banheiro, acabou se tornando um Banheiro com cheirinho de Banheiro.

O engraçado é que eu não tinha pensado nessa possibilidade antes e o público seguinte ao ocorrido me deu uma resposta imediata. Meu Banheiro tinha vida. E foi o cheirinho e o acaso que me induziram a encontrar outras possibilidades na história, que incutiram novas formas de pensar a manipulação e o próprio desfecho. Foi através do cheiro que descobri muitos dos segredos escondidos naquele Banheiro. E Teatro Lambe-lambe tem disso, de descobertas que fazem todo o sentido.

27

Desde então, borrifo algum aromatizador de ambiente antes de iniciar o espetáculo. Não é uma atitude preventiva caso algum fumante apareça, é agora uma escolha. Porque inesperados acontecem para gerar novas formas de conduzir uma história.



A ESCOLHA PELA DRAMATURGIA DO INVISÍVEL

Rafaela Catarina Kinas - Cia Circo-Íris - Canelinha/SC

O ponto inicial para começar a versar sobre dramaturgia diminuta, ao menos do ponto de vista do meu fazer, é: desapegar é necessário. Há que se fazer escolhas! E mesmo que você decida e confeccione cada pequeno detalhe, o que você terá como resultado não será o escolhido, mas sim a soma das ideias com a capacidade de realização.

Em qualquer nível de prática isso ocorrerá e será necessário desapegar-se das ideias para torná-las reais, tanto quanto saber escolher o que deixar ir e o que segurar.

No início do processo de O Menor Circo Da Terra, que agora está em fase de montagem (escolha de cores, estampas e texturas para cobrir os esqueletos que já foram confeccionados), a ideia de dramaturgia que eu tinha era uma e a que eu tenho agora é completamente outra. A materialidade do papel, material que escolhi para tornar palpável a minha ideia, e suas infinitas possibilidades, revelaram dobras mais pro-

fundas da metáfora que eu havia escolhido.

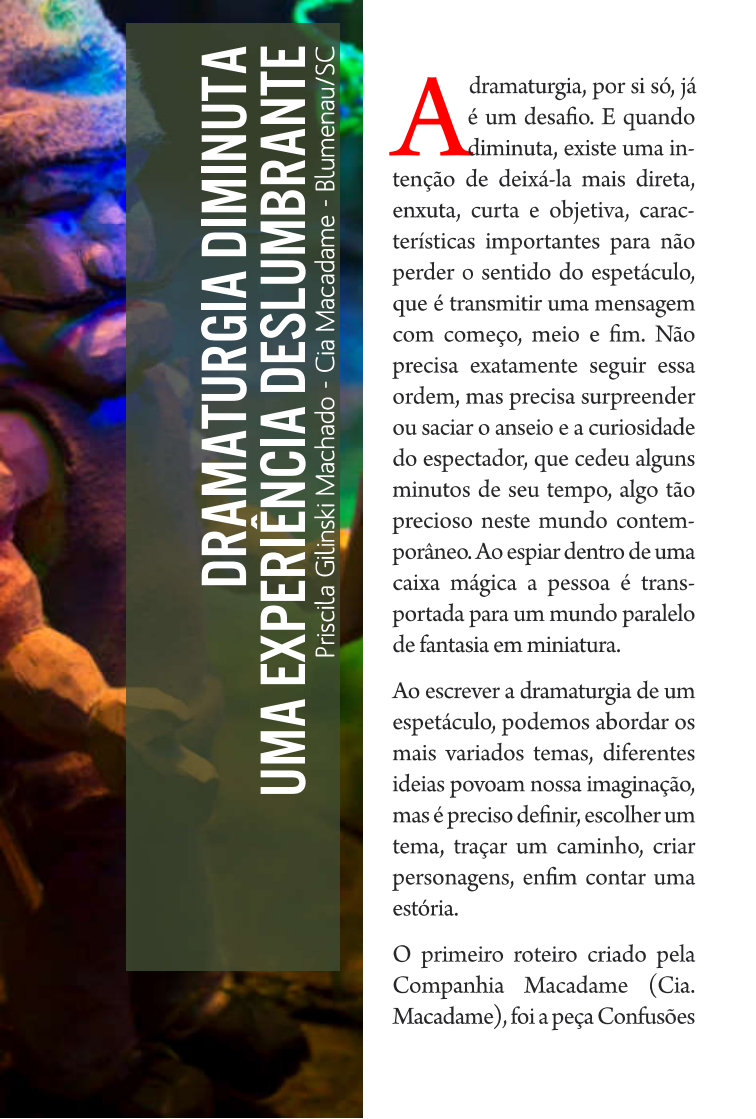
Mas uma coisa continua sendo um fato: os mil detalhes invisíveis dentro e fora da caixa que revelaram o que acontece nela.

E, se por um lado deixamos ir, por outro colecionamos os detalhes pequenos (os avanços na técnica do origami, as relações geométricas e as relações de escala que transbordam do plano real para o imaginário) e de mínimos detalhes invisíveis gerando o todo, como engrenagens (como sistemas giratórios!), ações – porque teatro é ação, nas palavras da professora Pita Belli, ainda ontem durante a aula – com começo, meio e fim.

O começo e o fim são bem importantes na experiência com Teatro Lambe-lambe. A pessoa acha que acabou, na verdade ela tem certeza porque o fim dentro da caixa tem que ser evidente (algo como uma despedida) e ainda tem que devolver o fone, olhar para o caixeiro e aí acontece mais

uma despedida. E se isso for considerado como dramaturgia por parte do caixeiro o fim é, como o começo, duplo.

No caso, eu escolhi o duplo, me dá mais tempo de instaurar o mundo fantástico antes de levar a pessoa para a lupa de aumento do meu imaginário, uma forma de colocá-lo numa redoma. Afinal, é a minha expressão mais frágil, é de papel, é pequenina, mede 18x18cm, e brotou do meu coração, moldou mais delicada as minhas mãos e mais esperançoso meu coração. E, para mim esse é o último ponto deste texto escrito nos últimos dias de um processo de 366 dias: apostar no potencial da dramaturgia de teatro lambe-lambe ser pessoal e estar ligado à tradução de um imaginário particular, propulsor, ativo, intuitivo, realizador, artesão, persistente... Um imaginário a favor de outros imaginários.



DRAMATURGIA DIMINUTA UMA EXPERIÊNCIA DESLUMBRANTE

Priscila Gilinski Machado - Cia Macadame - Blumenau/SC

A dramaturgia, por si só, já é um desafio. E quando diminuta, existe uma intenção de deixá-la mais direta, enxuta, curta e objetiva, características importantes para não perder o sentido do espetáculo, que é transmitir uma mensagem com começo, meio e fim. Não precisa exatamente seguir essa ordem, mas precisa surpreender ou saciar o anseio e a curiosidade do espectador, que cedeu alguns minutos de seu tempo, algo tão precioso neste mundo contemporâneo. Ao espiar dentro de uma caixa mágica a pessoa é transportada para um mundo paralelo de fantasia em miniatura.

Ao escrever a dramaturgia de um espetáculo, podemos abordar os mais variados temas, diferentes ideias povoam nossa imaginação, mas é preciso definir, escolher um tema, traçar um caminho, criar personagens, enfim contar uma estória.

O primeiro roteiro criado pela Companhia Macadame (Cia. Macadame), foi a peça Confusões

na Floresta, que fluiu a partir do tema floresta, que logo se tornou mágica. Surgiram os personagens, primeiro um duende, depois um Troll e o vilão se tornou um lenhador, logo a vítima um pássaro inocente. Assim foi se formando a estória de um Duende travesso que através de um feitiço faz um pássaro falar, o que gera um conflito com um lenhador que pretende cortar a árvore onde o pássaro mora. Para resolver a situação o Duende precisa da ajuda do Troll para proteger a floresta.

Já a dramaturgia do espetáculo O Náufrago e a Sereia têm como inspiração as lendas e mitos das sereias, com um foco na preservação ambiental, despertando a conscientização de não jogar lixo no mar. Iniciamos a ideia com a temática do mar e sereia, o primeiro elemento foi uma ilha de casca de coco e um náufrago em seu barco de pesca. E assim foi se desenvolvendo a narrativa, após uma tempestade o náufrago se encontra perdido em uma ilha, ali

tem uma visão de uma sereia, enfeitiçado pelo seu canto é levado para as profundezas dos mares e para escapar com vida é lançado um desafio.

E com o roteiro pronto, começamos a desenvolver o cenário, experimentar diferentes materiais. Ao produzir os bonecos, optamos pela madeira, todo o processo de esculpir, lixar, pintar e criar o figurino foi um trabalho artesanal. Na iluminação optamos por leds, o desenvolvimento do áudio, cada detalhe, a voz dos personagens, são vários os desafios.

E quando todos os elementos que compõem o espetáculo se tornam um só é que a magia acontece, a reação da pessoa que espia do outro lado da caixa é surpreendente. Há uma troca de olhares sorridentes, compenetrados, alguns atentos, outros distraídos, um comentário, um susto ou uma gargalhada. Uma experiência deslumbrante, que veio para somar em nossa bagagem cultural.



HABITAR UMA CAIXA

Tiago Almeida - Grupo Girino - Belo Horizonte/MG

Quase 30 anos depois das primeiras Caixas Cênicas de Ismine Lima e Denise di Santos na Bahia, o Teatro Lambe-Lambe ainda apresenta muito fôlego para se reinventar e descobrir novos formatos.

O número de novos espetáculos aumenta consideravelmente a cada ano. Os Festivais proliferam em toda América Latina e contribuem para criação de redes de intercâmbio e circulação de espetáculos.

A praticidade do Teatro Lambe-Lambe viabiliza apresentações sem demandas técnicas, proporcionando a ocupação de praticamente qualquer espaço. Assim, é possível ocupar espaços mais democráticos e ir ao encontro de públicos muito diversificados.

Os espetáculos demonstram o potencial criativo desta técnica. A diversidade de soluções cênicas e estéticas é surpreendente. O Teatro Lambe-Lambe é por si só um caleidoscópio de possibilidades poéticas.

“O que será que acontece ali dentro?” é a pergunta que o público desavisado questiona ao se deparar com o Teatro Lambe-Lambe. O segredo que ali habita promove uma necessidade de espiar.

A oportunidade de assistir um espetáculo exclusivo, feito apenas para um único espectador evidencia a personalização desta técnica. Ainda que o espetáculo seja repetidamente o mesmo, cada apresentação é um encontro. Um artista, um convidado e uma caixa: um encontro único que habita um espaço/tempo muito particular.

A escolha da estrutura cênica, técnicas e dimensões dos suportes dialogam com as narrativas e dramaturgias que ocupam esses microuniversos. Habitar cenicamente uma caixa, ou melhor, habitar o interior dessa caixa, mas também o entorno, o todo. A particularidade do que se revela no interior da caixa se expande para além do espaço mínimo e confinado de uma caixa.

O Lambe-Lambe se apropria da performatividade do micro e do macro, do que está aguardado, interno, mas também do entorno, do contexto e do lugar que habita. Podemos pensar que a dramaturgia do Lambe não se refere apenas às narrativas criadas dentro da caixa, mas de todas as narrativas criadas em torno dos elementos que a compõe.

A dramaturgia no Lambe-Lambe começa quando a caixa é percebida no espaço, o estranhamento e a curiosidade que despertam inicialmente, a aproximação do público, a decisão de entrar na fila: são momentos disparadores de narrativas.

Cada Caixa nos apresenta uma possibilidade, um planeta de ideias habitado por um acontecimento, existe uma ação que *acontece* ali dentro. Esta ação se manifesta em um *espaço interno*, dentro da caixa habita um lugar em miniatura.

O exterior da Caixa é aquilo que ela parece ser, não se conhece uma

caixa antes de saber o que tem lá dentro. Mas ao se deparar com uma caixa estamos lendo primeiramente o que isto nos parece, comparando e associando referências. A cenografia externa da caixa propõe códigos e signos compondo com a persona que ali performa.

A persona que executa a apresentação pode ser um personagem e/ou um performer. Alguns espetáculos possuem prólogos e outras estratégias para abordagem do público, para iniciar esta relação. O próximo da fila é recebido com uma saudação, apresentação ou instrução do que se trata ou de como funciona. É comum estabelecer um combinado em relação a colocar os fones e o momento de olhar dentro da caixa. Todas essas situações nos impregnam de significados, construímos nossas narrativas em relação a essa *experiência*.

Podemos pensar que assistir um espetáculo de Teatro Lambe-Lambe é uma experiência, é estar conivente com uma história que é contada e é assistida. Esta história é percebida de uma forma particular, tanto para quem assiste e também para quem apresenta. Esta troca se baseia em uma doação, de quem a conta e de quem a assiste. Aquela persona que apresenta o espetáculo também nos diz um pouco dela mesma. Suas escolhas estéticas, poéticas e dramatúrgicas são posicionamentos de uma linguagem própria.

E assim o Lambe-Lambe nos proporciona esse momento onírico e metafórico. E o que fica na memória de quem experienciou um espetáculo é uma narrativa própria, tão íntima quanto a história que se apresenta.

Potencializada ainda mais quando as Caixas encontram as Caixas. As apresentações coletivas de Teatro Lambe-Lambe é um universo de microuniversos. A experiência de apresentar em espaços públicos com várias outras caixas é único, é o encontro dos encontros. E então, as dramaturgias das Caixas se tornam outras, criam uma camada coletiva de universos muito distintos e ao mesmo tempo próximos.

Habitar uma Caixa, ser habitado por um Caixa. Adentrar esses microuniversos potencializados pelo hibridismo de linguagens e pela diluição de fronteiras técnicas. Criar histórias, laços, redes, trocas e afetos: Vida longa ao Teatro Lambe-Lambe! Por um mundo habitado por mais Caixas, mais encontros e mais dramaturgias múltiplas e coletivas.



APONTAMENTOS PARA UMA POSSÍVEL DRAMATURGIA PARA O TEATRO EM MINIATURA.

Heyder Moura – Honorato Mística Encantaria de Teatro da Amazônia- Plataforma Criativa Belém/PA

Proponho, neste breve ensaio, apontar algumas diretrizes, que auxiliaram-me como ator-animador-encenador no processo de montagem de três espetáculos com a Honorato Plataforma Criativa, em uma tentativa de elaborar uma possível dramaturgia em miniatura. Neste sentido apresentarei um modo de operar, considerando a imagem e imaginário como *leitmotiv*. Essa escolha não se dá apenas por um voluntarismo metodológico recorrente em meus processos criativos, mas também pela maneira sensível em que as imagens, e a visualidade, me afetam.

Antes, gostaria de relembrar que a imaginação sobre a miniatura sempre acompanhou a história da humanidade, incitando o despertar dos aspectos mágicos que fazem objetos e bonecos transcenderem ludicamente o inanimado, ou mesmo sintetizar energeticamente através dos tempos uma ideia.

A miniatura representa no campo simbólico um dos primeiros exer-

cícios que a criança experimenta para compreender o mundo adulto e, também o macrocosmo, onde o humano se opõe e se complementa como microcosmo. E portanto, nessa acepção dialógica e ecológica, grande e pequeno estão constantemente permeados.

Não é por acaso que Bachelard vê na miniatura “uma das moradas da grandeza”, ou ainda que a “inversão da perspectiva das grandezas ativa valores profundos”. O filósofo continua sua jornada através da miniatura para afirmar que “É preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno”, se apropriando desse discurso que extrapola as convenções, a dramaturgia para o Teatro em Miniatura que venho experimentando nos últimos anos é uma articulação entre texto, atores, objetos-bonecos, retirando a supremacia do texto e elegendo a imagem, a visualidade como principal potência narrativa. Neste sentido a Imagem “assume a função de um mesocosmos, ao

mesmo tempo origem, mediador, irradiador, revelador (...) pois instaura no indivíduo e no grupo o lugar do conhecimento sensível” (RANGEL, 2014, p.56).

A criação dramatúrgica, portanto, acontece posterior à disseminação das imagens realizadas em laboratórios de improvisação. Estas imagens irradiadas pelo imaginário, dos sonhos e das fantasias da imaginação, são virtualmente uma dramaturgia de figuras, símbolos, uma escrita imagética, que não seguem um ordenamento cronológico. E mesmo que eu escolha um texto, ele é apenas pré-texto para disseminação de novas imagens, para a composição da dramaturgia. Isso não significa criar uma dramaturgia visual aleatória, embora esse formato também seja legítimo. Mas gosto de repensar a escrita como um cruzamento de matérias, que colaboram na composição para a cena.

A mim interessa muito mais, como a imagem se relaciona com o espaço cênico, ora agindo em diálogo com outras imagens-

objetos-bonecos, ora solitária metaforizando uma ideia, símbolo esperando ser completado pela recepção dos expectadores.

A própria linguagem textual – escrita que também é imagem – adquire um novo sentido ao assumir uma característica polimorfa; é possível descrever curtos acontecimentos, utilizar de poesias, fragmentos, silêncios ou mesmo canções que enriqueçam a atmosfera, transgredindo a lógica do que é percebido, dito e mostrado, ou vice-versa, a didascália tem uma função indispensável na organização dessa dramaturgia. O próprio jogo entre ator e objetos-bonecos ultrapassam as fronteiras técnicas estabelecidas pela tradição; agora ator, objetos-bonecos tem a mesma importância. Todas essas características trabalham a serviço da imagem.

Dentro dessa configuração a qual se convencionou chamar de Teatro em Miniatura, a inventividade e imaginação extrapolam convenções. É como bem salien-

tou Cristhian Carrignon “O teatro de objetos é muito prazeroso para se deixar enquadrar por códigos rigorosos. Ele não é uma técnica. É um teatro de imagem que cria linguagem poética” (D’AVILA, 2014). Portanto, se quisermos estabelecer paradigmas para a elaboração de uma dramaturgia para o teatro em miniatura, acredito que ela está muito mais vinculada a uma dramaturgia pós-dramática, em que a multiplicidade estética e o contato contagioso com outras linguagens se mesclam e se fundem originando novos caminhos de expressão e narrativa.

Quando escolho a imagem e imaginário como pressuposto de uma possível dramaturgia para o teatro em miniatura, assumo a característica caleidoscópica em que elas operam sensorial, cultural e afetivamente no interior dos indivíduos. Essa diversidade me interessa como artista porque me provoca a buscar sempre novas tentativas criativas.

Em suma, a dramaturgia para o

Teatro em miniatura que desenvolve segue a própria lógica da fantasia e da ludicidade. Escapando da medida, extrapolando a lógica onde é preciso ter olhos atentos, para descobrir e compreender o pequeno. Para adentrar no mundo da miniatura é necessário ter paciência e disponibilidade. Pois é aí, que o absurdo é capaz de libertar, como descreveu Bachelard.

39

Bibliografia

RANGEL, Sonia – Moin-Moin - Revistas de estudos sobre teatro de formas animadas - Ano 10, No. 12, p.49-61, 2014 - ISNN.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. BI 19f A filosofia do não ; O novo espírito científico ; A poética do espaço / Gaston Bachelard ; seleção de textos de José Américo

Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos. . . (et al.). — São Paulo : Abril Cultural, 1978.(Os pensadores).

D'ÁVILA, Flávia. Poética do cotidiano: reflexões acerca do teatro de objetos. Pitágoras 500. nº 3. Abril, 2014. Universidade Estadual Paulista. UNESP.



DRAMATURGIA EN LAMBE LAMBE

Valeria Correa - Cia Oani - Valparaíso/Chile

Una de las formas más comunes para explicar qué es el Teatro Lambe Lambe, es hablar de un teatro en miniatura, con todos los elementos que conlleva un teatro “real”, pero en pequeñito.

Como primera reacción, al “entrar” como espectadores en un teatro Lambe Lambe, nuestros ojos, coartados de su libertad de horizonte, se lanzan hambrientos a observar todo lo que tenga a su alcance y, ya lo han dicho los teatristas, cada objeto es significativo en un espacio escénico. En pocos segundos, nuestra pupila ya se ha acostumbrado y nuestra visión a escala nos hace olvidar de “la miniatura”, viajamos entonces por un mundo con tamaño suficiente para llevarnos de la mano al lugar donde transcurra la historia.

Si sumamos a que pocas veces tenemos la oportunidad de evaluar la dramaturgia de un espectáculo Lambe Lambe a través de su texto, debemos acordar que la dramaturgia en esta

técnica teatral, es la “dramaturgia de objetos en la escena”.

Sin importar el lenguaje técnico por el que haya optado el artista; los objetos, muñecos antropomorfos, figuras de papel, sombras, colores. Ni el espacio donde transcurre el espectáculo se debe sí o sí, contar una historia, si no, para que tanta molestia. Porque permítanme decirlo hacer teatro en miniatura requiere tanto trabajo como el más grande.

Para profundizar hay algunos elementos que me gustaría destacar, y que dentro del trabajo de la compañía OANI, hemos marcado como puntos claves en la creación de un espectáculo con estas características.

- 1) *Conflicto/tensión*
- 2) *Sorpresa*
- 3) *Cambio / Transformación*
Y todo en poco minutos...
- 4) *Simplicidad / Rapidez*

1) Conflicto/tensión. Hace unos meses la compañía OANI se dedicó por completo a una investigación de seis meses sobre las formas animadas. Una de las conclusiones de este laboratorio práctico fue que la tensión reflejada en puntos opuestos en una escena, ya sea a través de luces, color, peso de los objetos, sus movimientos, le da vida a los objetos. Esta vida convierte a su vez la Tensión de la escena en intensidad de los personajes-objetos y les abre la posibilidad de desarrollar o superar el conflicto en el que viven. Esto nos exige entonces planificar la iluminación, el color, el material y la textura de nuestro espectáculo de modo que cada objeto y elemento escénico viva en una tensión /intensión desde el primer momento que entra en escena, presentando al espectador un conflicto interesante a desarrollar.

2) Sorpresa. La curiosidad del espectador debe ser satisfecha no solo con un espectáculo hermoso por su estética, también debemos

ser astutos, cada pequeña historia se vuelve mágica cuando encierra una sorpresa a ser compartida. La sorpresa o secreto, puede ser de carácter técnico, un escenario que da vueltas y revela donde vive nuestro personaje, un cambio en las luces, un baúl que se abre, una tumba que libera un espíritu o una foto del ser amado. Un elemento que se comparte y que inesperadamente nos revela un secreto. Es el suspiro, la risa y alguna veces el grito del espectador y que hace que todos los que están en la fila, esperen con ansias su momento de entrar al teatro.

3) Cambio y transformación. Se ha dicho muchas veces que el teatro lambe Lambe concede un momento de transformación al espectador, que vuelven a ser niños, que es un momento en donde se conecta consigo mismo, que se olvidan de sus problemas y de lo que está sucediendo, que son capaces de poner en pausa la vida para entregarse por completo a la fantasía, asumiendo que todo eso

es verdad ¿por qué le daríamos menos oportunidades de transformación a nuestros protagonistas? Planteamos un viaje de tres minutos en que si nuestros personajes logran vivir de verdad, no deberían terminar de igual manera que iniciaron. Algo debería ocurrir con ellos que los transforme ya sea internamente, o exterior, para que de esta forma sea un viaje que avance en y con verdad.

4) Simplicidad / Rapidez. Todas las claves mencionadas anteriormente nos pueden llevar a pensar en una historia muy elaborada. Puede ser, siempre y cuando no nos lleve más de cinco minutos. Piense querido artista que tiene una fila de personas esperando.

Este año, en la segunda edición del Festival Internacional de Teatro Lambe Lambe tuvimos la presencia de muchas historias diferentes, técnicas diversas, y estéticas; dentro de este grupo heterogéneo de espectáculos, me gustaría destacar dos, a raíz de su

forma de abordar la dramaturgia ya que a mi parecer rompieron el esquema de historia lineal y que jugaron con la dramaturgia de forma simple pero logrando un resultado bastante elaborado. En el primer caso: El espectáculo “Esto no es una caja” plantea un juego de forma visual y textual, exponiendo estímulos y creando una “no historia”, lo que obtiene como resultado es que desde el comienzo el pensamiento del espectador comience a jugar, corriendo como un cachorrito en busca del objeto lanzado y corriendo de vuelta, esperando por más, manteniéndose alerta, pero no solo receptivo sino también creativo, en paralelo a la historia que no estaba siendo contada. Por otro lado “REM” nos plantea como el único protagonista provocándonos un viaje forzado hacia el inconsciente, y por supuesto con elementos simples nos empuja a través del agujero de Alicia para caer sentados en el sillón del salón rojo de David Lynch. ¿Parece imposible que todo esto

43

pueda suceder en una pequeña caja en tan solo unos minutos? Nuestro cerebro es capaz de crear esto y mucho más, solo dependemos del estímulo que el artista nos entregue.

Afortunadamente, luego de largas conversaciones entre colegas lambe-lambistas, hemos llegado a la conclusión que El Teatro lambe Lambe es una técnica viva y en desarrollo, aún imposible de encasillar porque faltan muchas sorpresas por venir.



UNA CANCIÓN CANTADA AL OIDO

Rosana Lopez - Teatros de cartón - Mendoza/Argentina

Instructivo de como encontrar la dramaturgia de una obra de teatro lambe lambe en pocos pasos:

1- Colocar follaje, esencias, golosinas, frutas y especias en cajas.

2- Mezclarlas y elegir una al azar.

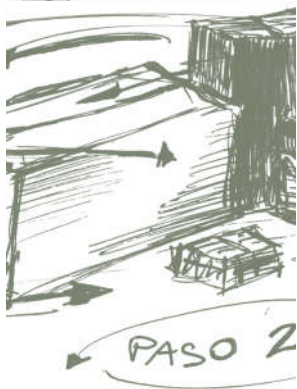
3- Con el recipiente cerrado en nuestras manos, nos sentamos cómodamente y respiramos lento, de 3 a 10 veces.

4- Sin abrir los ojos lo destapamos dejando que la musica del aroma comience a manifestarse y desde una profunda inhalación, ingrese a nuestro cuerpo. El viaje es certero, ella ira directo al lugar donde atesoramos nuestros sueños ... como la música es aire y su destino es jamas quedarse quieta, continuara inundando rincones; al de los recuerdos, le seguira el de los amores, luego los viajes, las anegdotas, las tristezas, los encuentros; ira mutando, ilumi-

nando antiguos rincones, subiendo , girando, tomando y dejando. Finalmente saldra por nuestras manos directo al lapiz, de alli al papel, luego al cartón, madera, luces, metal, amigos, dias, tardes, noches, risas, sueños, soportes, telas hasta lograr tener forma de minutos.

5 - Es allí donde la magia ocurre, en un espacio cerrado o al aire libre, dos personas se encuentran al rededor de una caja, una abre su alma, la otra se inunda de música. Como tiene forma de minutos solo puede ser contada al oido ... sera quizás para que no se desintegre en el aire, sera tal vez que los regalos mas importantes se entregan en intimidad, o simplemente sera que adoramos cuando nos cantan al oido.

Los pasos siguientes son miles y a la vez son el mismo, en el teatro Lambe Lambe la música se repite una y otra vez como un mantra; asi el alma se manifiesta, se comparte, se recibe, se alegra, se ama, se agradece y se cura.





UMA CANÇÃO CANTADA AO OUVIDO

Rosana Lopez - Teatros de cartón - Mendoza/Argentina

Instruções de como encontrar a dramaturgia de uma obra de teatro lambe-lambe em poucos passos:

1. Colocar folhagens, essências, guloseimas, frutas e especiarias em caixas.

2. Misturá-las e escolher uma ao acaso.

3. Com o recipiente fechado em nossas mãos, nos sentamos comodamente e respiramos profundamente, de 3 a 10 vezes.

4. Sem abrir os olhos, destapamos deixando que a música do aroma comece a manifestar-se e, a partir de uma profunda inalação, ingressar em nosso corpo.

A viagem é certa, ela nos conduzirá direto ao lugar onde atesouramos nossos sonhos...

Como a música é o ar e seu destino jamais é permancer quieto, continuará difundindo-se pelos recantos, das recordações, seguindo-se dos amores, logo o das viagens, das alegrias, das tristezas, dos encontros; mutar-se-á, iluminando antigos recantos, subindo, girando, pegando e deixando. Finalmente sairá por nossas mãos direto ao lápis, dali ao papel, logo para a cartolina, madeira, luzes, metal, amigos, dias, tardes, noites, risadas, sonhos, suportes, telas... Até conseguir ter a forma de minutos.

5. É ali onde a magia ocorre, em um espaço fechado ou ao ar livre, duas pessoas se encontram ao redor de uma caixa, uma abre sua

alma, a outra se inunda de música. Como tem forma de minutos, só pode ser contada ao ouvido... Será talvez para que não se desintegre no ar, será talvez porque os presentes mais importantes se entregam na intimidade, ou simplesmente será porque adoramos quando nos cantam ao ouvido.

Os passos seguintes são mil e por vezes são o mesmo, no teatro Lambe-Lambe a música se repete uma e outra vez como um mantra; assim, a alma se manifesta, compartilha, recebe, alegra-se, ama, agradece e se cura.

DRAMATURGIA LAMBE-LAMBE

Por Valeria Correa Rojas - Chile

Uma das formas mais comuns para explicar o que é o Teatro Lambe-Lambe é falar de um teatro em miniatura, com todos os elementos que implicam um teatro “real” mas em miniatura.

Como primeira reação, ao “entrar” como espectadora em um Teatro Lambe-Lambe, nossos olhos, ceifados de sua liberdade de horizonte, lançam-se famintos em observar tudo o que estiver ao seu alcance e, já disseram os frequentadores do teatro, cada objeto tem significado no espaço cênico. Em poucos segundos, nossa pupila acostuma-se e nossa visão em escala nos faz esquecer da “miniatura”, e viajamos então, por um mundo com tamanho suficiente para nos levar pela mão ao lugar onde transcorre a história.

Tendo em conta que poucas vezes temos a oportunidade de conhecer a dramaturgia de um espetáculo Lambe-Lambe através de seu texto, devemos recordar que a dramaturgia nesta técnica teatral é a “dramaturgia dos objetos em cena”.

Se não importasse a linguagem técnica pela qual tenha optado o artista; os objetos, bonecos antropomórficos, figuras de papel, sombras, cores. Nem o espaço onde transcorre o espetáculo para contar uma história, para que tanto incômodo. Porque permitam-me dizer-lhes, fazer teatro em miniatura requer tanto trabalho como o maior.

Para aprofundar, gostaria de destacar alguns elementos, e que no trabalho da Companhia OANI temos marcado como pontos-chave na criação de um espetáculo com estas características.

1) Conflito/Tensão

2) *Surpresa*

3) *Troca/Transformação*

E tudo em poucos minutos...

4) *Simplicidade/Rapidez*

1) Conflito/Tensão. Há alguns meses, a Companhia OANI dedicou-se por completo a uma investigação de seis meses sobre as formas animadas. Uma das conclusões deste laboratório prático foi que a tensão refletida nos pontos opostos de uma cena, seja através de luzes, cor, peso dos objetos, seus movimentos, dá vida aos objetos. Esta vida converte, por sua vez, a Tensão da cena em intenção dos personagens-objetos e lhes abre a possibilidade de desenvolver ou superar o conflito em que vivem. Isto nos exige em seguida planejar a iluminação, a cor, o material e a textura de nosso espetáculo, de modo que cada objeto e elemento cênico viva em uma tensão/intenção desde o primeiro momento em que entra em cena, oferecendo ao espectador um conflito interessante para se resolver.

2) Surpresa. A curiosidade do espectador deve ser satisfeita não só com um espetáculo bonito por sua estética, mas também devemos ser expertos, cada pequena história se torna mágica quando encerra uma surpresa a ser partilhada. A surpresa ou segredo pode ser de caráter técnico, um cenário que gira e revela onde vive nosso personagem, uma mudança nas luzes, um baú que se abre, uma tumba que libera um espírito ou uma foto do ser amado. Um elemento que se partilha e que inesperadamente nos revela um segredo. É o suspiro, a risada e algumas vezes o grito do espectador e que fazem com que todos os que estão na fila esperem com ansiedade seu momento de entrar no teatro.

3) Troca e Transformação. Tem se dito muitas vezes que o teatro Lambe-Lambe concede um momento de transformação aos espectadores, que voltam a ser crianças, que é um momento onde eles se conectam consigo mesmos, que se esquecem de seus problemas e do que está acontecendo, que são capazes de colocar em pausa a vida para entregarem-se por completo a fantasia, assumindo que tudo aquilo é verdade. Por que daríamos menos oportunidades de transformação aos nossos protagonistas? Apresentamos uma viagem de 3 minutos em que se nossos personagens conseguem viver de verdade, não deveriam terminar de igual modo como iniciaram. Algo deverá acontecer com eles que os transforme, seja interna ou externamente, para que desta forma seja uma viagem em que se evolua e com verdade.

4) Simplicidade e Rapidez. Todas as chaves mencionadas anteriormente podem nos levar a pensar em uma história muito elaborada. Pode ser, sempre e quando não levar mais de 5 minutos. Pense, querido artista, que há uma fila de pessoas esperando.

Este ano, na segunda edição do Festival Internacional de Teatro Lambe-Lambe, tivemos a presença de muitas histórias diferentes, técnicas e estéticas diversas. Dentro deste grupo heterogêneo de espetáculos, gostaria de destacar dois, em razão de seu modo de abordar a dramaturgia, uma vez que a mim pareceram romper o esquema de história linear e que atuaram com a dramaturgia de forma simples mas conseguindo resultados bem elaborados. No primeiro caso: O espetáculo “Isto Não É Uma Caixa” apresenta um jogo de forma visual e textual, expondo estímulos e criando uma “não história”, o que se obteve como resultado que desde o início o pensamento do espectador começa a jogar, correndo como um cachorrinho em busca do objeto lançado e correndo de volta, esperando por mais, mantendo-se alerta porém não só

receptivo como também criativo, em paralelo à história que não estava sendo contada.

Em segundo, “REM” nos apresenta como o único protagonista, provoca-nos uma viagem forçada ao inconsciente, e evidentemente com elementos simples, nos empurra através do buraco de Alice para cairmos sentados na poltrona do Salão Vermelho de David Lynch. Parece impossível que tudo isto possa acontecer em uma pequena caixa em tão somente alguns minutos? Nosso cérebro é capaz de criar isto e muito mais, somente dependendo do estímulo que o artista nos dá.

Felizmente, depois de longas conversas entre colegas lambe-lambistas, chegamos à conclusão de que o Teatro Lambe-Lambe é uma técnica viva e em desenvolvimento, ainda impossível de encapsular porque faltam muitas supresas por vir.

Realização



Grupo filiado a



Patrocínio



FUNCULTURAL



Projeto realizado com o apoio do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, Fundação Catarinense de Cultura, FUNCULTURAL e Edital Elisabete Anderle/ 2014.